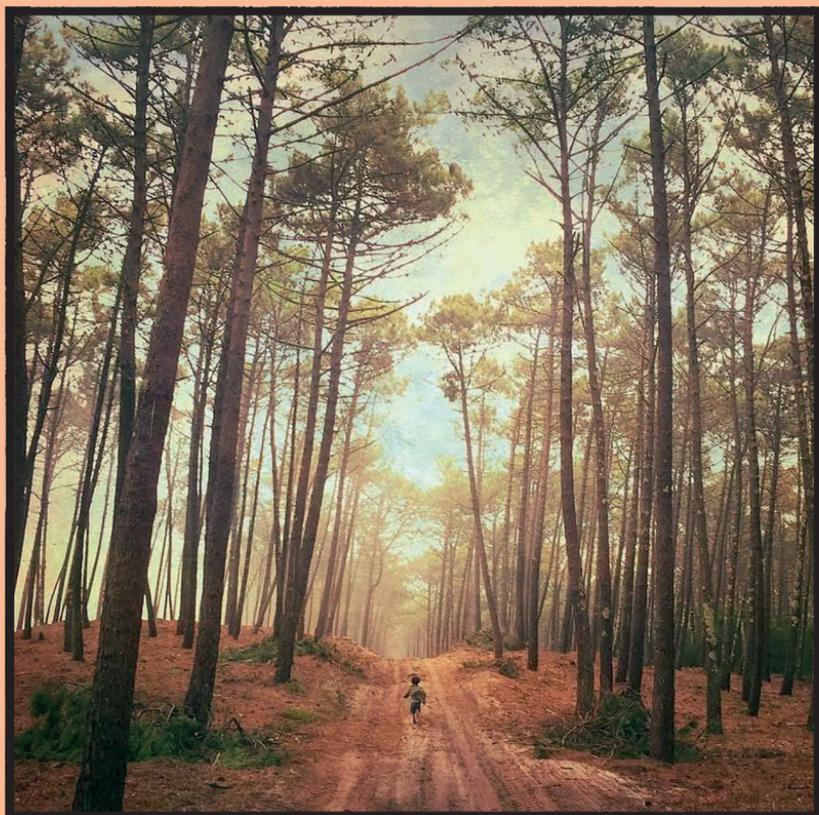


DANIEL JONAS

A justa desproporção


COMPANHIA DAS LETRAS



Observação preliminar

Este volume tem a sua origem num propósito organizativo. Trata-se de ensaios de variável extensão, inéditos, à excepção de três textos escritos para a revista *Electra*, a convite generoso do António Guerreiro. Os restantes foram acomodados de modo razoavelmente despreocupado, esperando encontrarem neste conjunto certo harmónio de sentido, uma unidade, alguma pertinência. São observações de objecto variado, indecisas da sua natureza, balançando entre crónica, ensaio e diário. Para facilitar, chamo-lhe *quase-ficção*. Versando o penúltimo texto sobre certa perda da possibilidade de fechar, inteiro-me, entretanto, do fecho da empresa a que ali se alude. Fico a pensar que metafísica subjazerá ao assunto.

Dedico estas minhas plúmivas impressões à memória do Jorge. Tristemente, no decurso da edição deste livro, a mãe de uma querida amiga deixou o seu corpo material. Evocando a sua memória, abraça, espero eu, este livro a minha amiga.

Cerejas

O problema no começar conversas de ocasião está em acabar. Encetada a conversa na delicada circunstância, torna-se um fardo imaginar como chegar a um fim aceitável para as partes, sem que a sua coda caia como um estampido. Tendemos a achar que o nosso interlocutor precisa de sair da conversa conosco cliente satisfeito e recorremos aos assuntos que destapamos do possível como seixos debaixo dos quais encontramos caranguejos de tamanho decepcionante. É frequente que a simpatia nos faça trocar duas de letra com alguém, para acabarmos a acusar o fardo de uma relação acabada. O desmame conversacional é um risco que deve ser levado em conta por todo aquele que, leviano, comece uma conversa de ocasião, sabendo que não há fim para a simpatia. Nem para as conversas que dela brotam.

O vinho que os empregados bebem

O bem-intencionado princípio de distribuir igualdade determina que todos participem dos mesmos problemas e gostos. Mas tal igualdade depende da duvidosa ideia de sermos todos capazes dos mesmos resultados. O nosso pensamento social-optimista procura na irmandade uma confraria geral de pessoas habilitadas a fazer aquilo que todas as outras pessoas são capazes de fazer, e nenhuma incapacidade assiste virtualmente a ninguém. Marxistas, filósofos pragmáticos e influenciadores do desenvolvimento pessoal parecem convergir nesta convicção. É uma posição ideológica que a ciência desconhece. Somente na morte, como arte de consolo, se ouve dizer de alguém que é insubstituível, um tipo de circunstância em que o conforto se apresenta sob a forma de lugar-comum, de que a célebre instância *ao menos já não sofre* é de longe a mais justa entre as candidatas à medalha de ouro dos afagos fúnebres e do conformismo social.

Na morte, como na vida, encontramos uma série de amadores dando um ar de sua graça. *Pôr um pezinho em ramo verde* é uma tentação a que poucos se escusam. Outros, os profissionais, têm medo de errar, e, mais vezes do que não, admitem as suas insuficiências, mostrando-se capazes de aprender com os verdadeiros mestres, que são

todos os outros. Sujeitamo-nos (pois de nós falamos) a um sentimento de culpa de classe: apanhados numa actividade de luxo, queremos convidar quem nos serve a usufruir em segunda mão da experiência de privilégio, tal como um *skipper* faz um pouco parte da experiência de se ir num iate. Junta-se assim uma boa acção social num mundo difícil à má consciência das nossas escolhas.

Em casamentos, costumamos marcar a diferença de classe. Por isso nos damos a grandes penas antecedentes e fazemos questão de que noivos e noivas se vistam para o rigor do momento. Todavia, receando uma revolução anarquista que vá estragar o dia mais importante dos pombinhos, acautelamos em assegurar ao empregado a posição de escanção privado, duvidando se não deveríamos mesmo promovê-lo ao grau máximo de colaborador. E nós, do cimo da escada da nossa paz de classe, descansamos a contemplar, siderados, as bolas anafadas e vulgares dos degraus intermédios do pinheiro sobre as quais raiamos como a estrela cintilante que somos.

Já deixar a outros as nossas escolhas é só uma liberalidade mais no passo franco-destemido de um grande notável, sinal de prestígio social. Este é o princípio que rege a experiência comum de ir ao restaurante, onde rendemos uma preferência vinícola à botelha preferida do empregado, uma rendição afinal da vontade, que entreviu no agradar ao servente o bem maior da paz social que a nossa mole consciência aconselha. Lá se entranhará então o vinho do estranho, quando o nosso índex livre de bÍlis percorria ao vento os socialcos do Douro ou a secura das

.....

herdades do Alentejo, de onde nos chegava já aroma a perpétua-das-areias. É no fatídico momento da nossa hesitação que nos malha invariável o *se me permite* de quem nos serve e lá acabamos, a pagantes, na garrafa que o empregado prefere. Estranha cordialidade, este cumprimento a desejos de outrem. A desconfiança de nós serve inteira o proveito da grandeza do outro, empregado, na melhor das hipóteses, ditador, na pior, em todo o caso validado no seu melhor gosto. Ao alheio confiamos a vida, desde o avião ao matrimónio, e as nossas escolhas dependem largamente de escolhas alheias — a esses, resolvemos conceder a intuição da certeza, sonhando a nossa vida na interposta pessoa que não vive connosco. E, como na vida, saímos do restaurante com o sentimento de um dever cumprido.

Libélulas

Uma lacustre ocasião, servindo a minha perna de bucólica pista de aterragem a uma libelinha, e resolvido a manter-me firme, de molde a não apressar a escala do pitoresco aeróbico, aprendi que as libélulas mordem. De facto, examinando-se ao pormenor microscópico o belo espécime no seu azul-eléctrico rendilhado, chega o romântico observador à espantosa conclusão de que a besta, tão diáfana quanto horrenda, mais aproveitaria à saga *Alien*. O idílio cândido e mineral não passa afinal de uma míope ilusão. Trata-se deveras de uma fera assustadora, uma máquina animada de quatro asas, mais equipada para uma missão de força no Afeganistão, claramente desmerecedora do seu capacete azul e em absoluto desajustada neste seu enganador destacamento de paz. *Gerês c'est fini*. O meu enamoramento com tais criaturas conheceu o seu drástico fim.

Pessoas que olham para o pescoço

Há pessoas que nos olham no pescoço. O desvio é considerável e polémico. Desvia as nossas atenções. Olham-nos na jugular. Vencida a ameaça, ficamos desfeiteados com o ruído, desbaratados na atenção que lhes devemos. Elas sabem que não lhes ripostamos e os seus argumentos vencem pela posição ocular que tão arditamente plantaram. As banalidades das suas observações, não as registámos. Dissemos a tudo que sim com o nosso silêncio de cortar à faca.

Acabar em preposições

Há pessoas, não inteiramente anglófilas, que cultivam o hábito de acabar frases em preposições. Isso distrai-nos de tudo o que ouvimos antes.

Acabar com preposições

Quando, eufórico, José Pinhal, entre batucadas, divulga «tu és a mulher que eu sonhei», parece propor uma leitura idiossincrática do verbo sonhar, ao retirar-lhe a companhia do seu aconselhável amigo prepositivo «com». Essa purga pretende, julgamos, uma leitura criadora, insinuando na sua manquidão a transitividade de um verbo mais enérgico, parente de um «desenhei». À luz desta filosofia emancipada de preposições, a ideal mulher de Pinhal não depende então de si para existir, o que está em linha com o que acontece com sonhos, que são um acontecimento tendencialmente cooperativo e imprevisível. Ter o cantor *sonhado uma mulher* antecipa grandezas bíblicas. O amor ganha exagero, próprio de alguns nobres sentimentos. O seu usuário passa por Deus, recriando simulações de perfeição.

Diz Deus-em-Pinhal, a versos tantos: «Minha vida só existes tu e quando te tenho a ti a ninguém mais quero amar.» A não ser que estejamos perante um vocativo, o estranho caso do desaparecimento de mais uma preposição, desta feita contraída, introduz um trovador que exalta o carácter unigénito da sua criação. Deus tem por costume ser polifunalista, mas este criador criou a sua criatura para seu fervor unipessoal e exclusivo, rendendo-lhe

.....

o melhor e mais exclusivo de sua atenção e admiração. Não parece, pois, existir outra pessoa no espaço deste sentimento, o que é entendido como algo apreciável. Porém, há um aviso subjacente em tão doces águas. No restolho da paz, infere-se que só a tem o cantor a ela quando ele de facto a tem, entendendo-se com isto que nem sempre a terá ele. Só então quando a tem ele a ela é que mais ninguém existe, presumindo-se que quando o cantor está com aquela (a quem sugere que não prenda o cabelo, para melhor exhibir os sinais da sua beleza) não estará com mais ninguém, nem no local onde de facto se encontra, nem no pensamento onde encontra o autor as suas personagens preferidas.

Sempre que Pinhal observa a regalia de poder estar com quem sonhou (e deveras criou), é certo que não sonhará com outra. É por isso que na poética de Pinhal a supressão de uma preposição implica um acrescento valorativo e a promoção inigualável da sua dama entre aquelas com que se pode sonhar na sua ausência. Se está ou não com outras quando não estará com aquela que ele sonhou, isso é tudo o que nos acontece quando não sonhamos. A costela dramática desta balada reside aqui. Ele é um criador que tolera a hipótese de não ter quem criou. Confessa desejar a mulher que cria, mas está preparado para a eventualidade de nem sempre ter à disposição a sua criatura. Por vezes (implica-se) só queria. No entanto, se a tiver, não quer outra coisa.

A língua treme

Salvemos o trema! deveria ser o nosso próximo grande grito emancipatório, após a sedimentação do novo acordo ortográfico, que, como se descobriu, tem a vantagem da inutilidade e a sobrançeria de não aproximar da coisa escrita a coisa falada. Se era esse o seu propósito e se o seu propósito falhou clamorosamente, julgamos que a medida dos grandes empreiteiros da língua em mostrar ao turista que a forma como escrevemos não diverge assim tanto da forma como falamos se afigura uma boa ideia.

O brasileiro, não sendo incauto, soube perfeitamente que nenhum acordo poderia abalar o trema, essa instituição notável, preservada em Portugal até ao fim da Segunda Grande Guerra, que nos ajudava, por exemplo, a distinguir *distinguir* de *pinguim*, *linguiça* de *lingueirão* e *tranquilamente* de *conquilha*. Não mais pode, desde então, o turista ler a palavra *tranquilamente* sem que trema.

A erradicação do trema foi a maneira bruta que o falante nativo encontrou para manter o seu ascendente elocutório. A língua-mãe era dele e de mais ninguém. Suprimindo-o, garantia ao falante da casa a vaidade perfunctória da posse e espezinhava o aspirante a nativo, esmagado na sua pretensão e por pouco feliz. A língua é de quem a ordena e deve-se procurar eliminar qualquer aproximação da mesma

ao seu uso, para isso se preservou no formol dos linguistas (ora tenta lá dizer isto, turista!) a segunda conjugação do plural, uma pessoa exótica que existe mais raramente do que o lince ibérico e mantém um certo assobio na voz e um jeitinho de varoa. Entre poucos se preserva o inútil e se estabelece o modo do dito. A língua, afinal, é como a maçonaria. Precisamos de admissão, avental e saber escrever com compasso.

Versos pastoris

Certos melhores versos parecem resultar da pena de menos celebrados aedos. Distantes de labores poéticos de prestígio, as melhores rimas são muitas vezes achadas em espeluncas literárias onde o poeta lírico se encontra triste e pensativo a beber um *bourbon* debaixo do seu *Stetson*. Como as luzes estão baixas, falhamos em ali identificar a luminosa sombra do grande artista, um autor perseguido e atormentado pelas musas da nostalgia.

O abandono, habitual lamento à música campestre do Centro-Oeste norte-americano, trouxe-nos um manancial inesgotável de rimas memoráveis. *All my exes live in Texas* é um dos mais lídimos exemplos dessa destilação particular. *There's a tear in my beer*, um tocante dueto póstumo em que Hank Williams Jr. canta com o seu pai, é outro caso de respeito. Em cada verso pastoril há uma história, e ninguém canta e conta melhor uma história do que os vaqueiros da poesia pastoril. Desde aquela canção crispada em que duas pessoas de poupa apontam uma à outra que a outra é a razão pela qual os filhos da que fala são feios, passando por *clichés* vários ocorridos em Tulsa ou em Omaha, desembocando naquele admirável entaramelar do etanol («*could I drink you a buy?/Oh, listen to me, what I mean is, can I buy you a drink?*»), as melodias parecem conviver sem

mofina com um pródigo verbal, mesmo quando se dissipa o álcool e fica a triste e sóbria dissipação do desquite.

Já as altas frequências Geiger da sensibilidade decidiram aninhar-se, como em nenhum outro lugar, na inesquecível faixa de um álbum que Linda Ronstadt deserdou, do qual justamente preserva esse inolvidável caso chamado *Long, Long Time*, uma das mais belas canções que até hoje aos meus ouvidos vieram.

Deveria acabar aqui, guardando o respeito decorrente da evocação de um grande momento. Mas, arriscando-me a poluir o sagrado mistério da notável balada, devo fazer referência a uma das minhas rimas mais prezadas.

Vem o poema de fonte inesperada e distante da música pastoril mais canónica. Bon Jovi é a banda e *Bed of Roses*, o contexto. Refiro-me particularmente ao momento melodramático em que o cantor atormentado chora no estribilho o que quer fazer com a sua amada. Ele pretende deitá-la numa cama de rosas («*bed of roses*»), uma vez que tem estado habituado a dormir, veja-se, numa cama de espinhos, para que venha a estar tão perto da sua amada («*as close as*») como é apanágio do Espírito Santo («*Holy Ghost is*»). Sempre me impressionou o modo descomplexado como o artista atirou as pinceladas da sua rima para a tela do seu canto ao juntar *bed of roses* a *as close as*. E, como se isso não bastasse, entende o virtuoso artista prender o seu público com um sacrossanto *Holy Ghost is*. Esta exuberante rima é exemplar e leva-nos a pensar nos caminhos da inspiração distraída preconizada pelo polemista socrático quando defende poder manifestar-se a verve em qualquer

criador, mais ou menos apto à háptica lira. É também um aviso para que não desistamos de fazer as nossas artes e os nossos labores. Entretanto, e à falta de uma boa teoria sobre o que pode explicar a nossa criatividade, sigo, pois, o conselho sensato daquela outra admirável vaqueira, e acho que vou deixar o mistério em paz.

Drama musical

As reportagens com fundo musical dramático e os programas desportivos com fundo musical animado-riscado partem do princípio da insuficiência das suas propostas. O que dizem não parece bastar para agarrar os espectadores aos seus lugares.

Em muitos saraus de poesia, a dúvida paira no ar. A questionável capacidade de a grande estrela da noite — a poesia dita — entreter deixa os seus proponentes nervosos. O motivo que nos traz, a razão de ser dos nossos trabalhos, é, convenhamos, frágil. Reconhecido isso, há que tomar medidas. Para se prevenir o desagradável vazio na boca dos seus entusiastas, resolve-se então recorrer à norma de uma arte maior capaz de enfeitar a arte menor com a vigilância de um irmão mais velho. Cauta, a organização toma providências no sentido de assegurar que a declamação das poesias jamais voltará a ser feita sem a presença do primogénito sob a forma de teclado ou viola, uma camada musical com que se calafetar o frio da arte, não vão as frinchas sonoras demover a audiência e levá-la à renúncia.

Assim foi que os saraus evoluíram para uma competição à desgarrada, em que um músico, normalmente desajeitado e criteriosamente instalado para atrapalhar o declamador, anexa o território do dizedor (como agora

se desdiz) e inaugura o modo pirraça de ferro em que um insiste na *Greensleeves* quando o outro tenta convencê-lo do seu *Cântico Negro*, notoriamente desengonçado por entre a tablatura a que a modinha do primeiro o obriga.

Os amantes da poesia são, ai de mim, os primeiros a duvidar do seu amor. O cepticismo em relação à suficiência da paixão que celebram deixa-os ansiosos dos seus méritos e leva-os a recorrer a formas de escapismo. O sucesso da *soirée* garante-se através do reconhecimento de que o seu produto principal é tísico. Compreende-se. Industriosos, nervosos, os pais organizadores apenas desejam proteger a sua flébil debutante de uma noite mal organizada.

Semelhantemente, tão zelosos como os pais das noites de poesia, desconfiam, com a mesma medida e fé, os programas televisivos do tédio que há nos seus assuntos, e, aprendendo com a receita bem-sucedida dos saraus, concluem que a eternidade da música desvia dos espectadores a duvidosa qualidade do que se esteja para ali a dizer.

No nosso tempo de barulho, o quase silêncio gera inquietações. Mas, tal como não se espera um Villaret a vir em salvação de um desamparado quarteto de cordas, espanta a contrária urgência. Também não é desejável que o tocador de realejo evocado por uma das canções de Schubert surja com estampido da canção para socorrer com o seu órgão mecânico portátil a *lied* duvidosa. Por outro lado, não se antecipa, por mais negativo que seja o crente na sua poesia, o acrescentar de uns versos de António Nogueira Pessoa em António Lopes Ribeiro, por se temer eventual magreza da procissão, por mais sinos que nela repiquem.

.....

Em princípio, as artes não se misturam nem se confundem. Nem, pior, se acumulam. Tal como não se espera a sombra de um nadador-salvador numa final dos 200 mariposa, também da arte não se deseja a salvação por via de outra, mesmo que seja à sombra maravilhosa da *muzak*. Se fôssemos suficientemente bíblicos, saberíamos que basta a cada arte o seu mal.

Advérbios maduros

«Designadamente» é o advérbio mais maduro que há. O seu utilizador passeia-se acima dos restantes com a certeza da prudência e do sexto sentido a que alguns chamam estado e corresponde noutros a ver pessoas mortas. Está mesmo acima de quem acaba frases em preposições. O utente do advérbio fala português de cima da cristaleira. Ele substitui-se, impante, a quem diz *impante* e não troca um «designadamente» por pigarros de raciocínio. A interjeição «hum» é útil, mas só a quem não tem por hábito *designadear*.

«Apostar dobrado contra singelo» é o estado de Buda dos sábios do «designadamente». Ali, atinge uma cintilação que pode ferir os mais sensíveis. O seu desígnio obriga-o a destacar-se discretamente, tal como a zebra, na sua luta de classe, seguindo garbosa, confiante no padrão especial que propõe ao mundo, cautelosa em nunca atravessar na passadeira.

Estes distintos fazedores de opinião são só aparentemente pouco naturais. A sua receita parece fácil, mas difícil de replicar a nós, os outros. Se tudo fosse tão fácil e gostoso como presunto, era questão de arranjar uma pata, cobrir com sal e esperar um ano. Nunca conseguiremos designadear como eles. Não sabemos levar, como aqueles, nas palavras imortais de Eugénio de Andrade, a gravata às ideias.

A justa desproporção

«Há pessoas que nos olham no pescoço. O desvio é considerável e polémico. Desvia as nossas atenções. Olham-nos na jugular. Elas sabem que não lhes ripostamos e os seus argumentos vencem pela posição ocular que tão arditosamente plantaram. As banalidades das suas observações, não as registámos. Dissemos a tudo que sim com o nosso silêncio de cortar à faca.»

Um dos grandes cultores da língua portuguesa, Daniel Jonas estreia-se na prosa com uma «quase-ficção». Encontramos aqui uma peculiar forma de pensar o mundo e a linguagem, figuras com quem já nos cruzámos, obsessões comuns. Misturando biobiologia e astrologia, fala-se de Dante e Rui Reininho como de Camões e Teena Marie, viaja-se de Paris a Massamá ao cemitério, discorre-se sobre conselhos vínicos ou *champignons*.

A justa desproporção atravessa o cinema, a música e a literatura, e faz paragens em Shakespeare, Dylan, Beckett, Buñuel, Truffaut: todos lhe servem para partilhar intuições sobre descobertas contraceptivas, os programas da tarde na televisão e certas expressões de despedida. Entre a tudologia, a hipochondria e as saudades de sítios aonde nunca fomos, há lugar para os grandes temas — amizade, morte, humor — e para se reflectir sobre a inesperada relação de causalidade entre fins trágicos e más interpretações.

Eis um conjunto de textos que mantêm entre si um diálogo astuto e, com o leitor, uma conversa cheia de volteios linguísticos e cabriolas do espírito, assim nos devolvendo, ao espelho, a imprevista imagem que não julgávamos procurar.

não-ficção literária | 9



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-583-611-6



9 789895 836116